

O trabalho docente: impactos e desafios frente ao cenário educacional atual

Rosália Monteiro Mota*

Resumo

Nas últimas décadas, a educação no Brasil tem sido a meta perseguida pelo governo e pelos cidadãos como via de acesso ao emprego formal, sendo também um meio de enfrentar e conter a pobreza. Este artigo tem como foco os trabalhadores que buscam diariamente tornar possível o desafio de produzir conhecimento e se adequar as exigências renovadas diária e continuamente pelas políticas públicas voltadas à educação. Nesse sentido, procuramos investigar o cotidiano dos docentes de uma Instituição Federal de Educação Profissionalizante de Belo Horizonte e suas condições de trabalho e, verificar de que modo essas condições estão interferindo na saúde e no bem estar desses profissionais. Consideramos, aqui, a complexidade que envolve a docência e a sua essência interativa, cujo objeto de trabalho é o ser humano.

Palavras-chave: educação; trabalho; condições de trabalho; docentes.

Abstract

In the last decades education in Brazil has been a target followed closely by government and the citizens as a way to access the formal employment, as well to face and refrain poverty. This paper has a focus on the professors reality and their daily efforts to turn possible the challenge to produce knowledge and to adjust themselves to the requirements needed by the public politics in terms of education. In this context it was investigated the professors quotidian in a Federal Institution of Technician Education in Belo Horizonte as well their work conditions. Additionally, it was analysed in which way these conditions are interfering in health and welfare of such professionals. It is considered the complexity that involve the teaching activities and its interative essence, whose object of work is the human being.

Keywords: education; work; work conditions; teach.

* Licenciada em História e Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Pará. Professora de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Departamento de Ciências Humanas e Sociais. Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: rosaliamota@des.cefetmg.br

Introdução

Para melhor compreensão acerca da responsabilidade social exercida pelos docentes no processo de educar, nos reportaremos inicialmente ao relatório da Conferência Mundial sobre a Educação para todos em Jomtien, na Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990. O documento relembra que, segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, “toda pessoa tem direito à educação”.¹ Condizente com essa premissa, os conferencistas destacaram como prioridade a necessidade de universalizar o acesso à educação e desse modo promover a equidade social.

Com vistas ao processo de universalização do ensino, aqui no Brasil, a expansão das vagas no ensino básico passou a ser tratada como meta principal, no entanto, os investimentos não foram multiplicados na mesma proporção dessa inclusão, conforme pesquisa realizada por Oliveira (2004).

A reestruturação da educação revelou ser impactante ao trabalho docente imputando aos professores maior responsabilização e, por conseguinte, maior desgaste laboral. Foram criados mecanismos para avaliar o desempenho dos alunos a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio e o Índice de Desenvolvimento na Educação Básica (IDEB). Tais mecanismos de controle e avaliação alcançaram todas as esferas do ensino, incluindo o Nível Superior e a Pós-graduação. Os docentes, assumindo simultaneamente a condição de pesquisadores, são pressionados a produzir resultados em tempo cada vez mais reduzidos, o que os sobrecarrega e compromete a qualidade desses resultados. O perfil do profissional eficiente atualmente é definido como aquele que atende inúmeras exigências tais como:

Elaboração/publicação de artigos em periódicos e livros classificados positivamente pelo Qualis; participação efetiva e contínua em pesquisas aprovadas pelas agências de fomento reconhecidas; corresponsabilidade pelo processo de elaboração e defesa de dissertações e teses; apresentação de trabalhos em eventos classificados pelo Qualis; magistério nos níveis do *stricto sensu* e da graduação; realização de estágios pós-doutorais, entre outros. (Mota, 2010 apud Freitas, 2009, p. 20)

Nesse contexto, os docentes passaram a ter não apenas maiores responsabilidades como também maior visibilidade e controle por parte

1 O preâmbulo da Conferência de Jomtien

da sociedade, sobretudo, pela rapidez com que as informações passaram a ser veiculadas pela mídia.

Os meios de comunicação normalmente veiculam os resultados do desempenho docente, contudo, pouco ou nenhum destaque tem sido dado às condições em que o trabalho docente é realizado e, como os professores estão sendo afetados pelas exigências atuais que os levam a extenuantes jornadas de trabalho dentro e fora das salas de aula.

É de extrema importância localizar o trabalho docente no espaço em que ele é executado. Nossa compreensão é de que “as condições de trabalho envolvem todo o contexto em que as atividades laborais são desenvolvidas, o ambiente físico, os elementos necessários ao planejamento e a execução do trabalho” (Mota, 2010, p.17), sendo as relações estabelecidas nesse ambiente outro componente fundamental para o desempenho satisfatório do trabalho.

O relacionamento humano na docência é algo desafiador e complexo, posto que a interatividade é uma condição permanente nesse trabalho. Essa interação envolve afetividade, não sendo adequado ao professor o papel de um sujeito que presta serviço a um cliente. Portanto, nesse ofício “as pessoas não são um meio ou uma finalidade do trabalho, mas a ‘matéria-prima’ do processo do trabalho interativo e o desafio primeiro das atividades dos trabalhadores”. (Mota, 2010, apud Lessard e Tardif, 2009, p. 20).

A análise do trabalho docente será superficial sem que se verifique o local em que o trabalho é desenvolvido, número de aulas ministradas, quantidade de alunos, iluminação, exposição aos ruídos, relacionamento com os alunos, colegas e chefias, disponibilidade de equipamentos, tempo para o planejamento docente e para a correção das atividades avaliativas, formação acadêmica e continuada, remuneração, dentre outros.

Segundo a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, CIF (2004), em consonância com os parâmetros da Organização Mundial da Saúde (OMS), os estudos sobre a saúde humana devem considerar os aspectos multifatoriais, incluindo a interação do sujeito com o meio ambiente.

As narrativas expostas neste artigo foram obtidas a partir de entrevistas realizadas com professores que fazem parte do quadro permanente do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Instituição *multicampi*, voltada ao ensino profissionalizante, sob o regime de Dedicção Exclusiva. Nessa Instituição, os docentes têm a

possibilidade de atuar nos cursos técnicos de nível Médio, na Graduação e na Pós-Graduação, o que lhes dá uma condição peculiar, tanto pela formação diversificada e, por atuarem no ensino e na produção de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, além do fato de terem vínculo empregatício exclusivo com a Instituição.

Neste Estudo de Caso ancorado em pesquisa qualitativa utilizamos a técnica de entrevista semi-estruturada e a análise de documentos.

Os seis professores entrevistados, lotados no *campus I*, designados por números em respeito ao anonimato, lecionam disciplinas de Formação Geral e Técnica, conforme sua formação acadêmica: sendo um Graduado, um Especialista, três Mestres (em deles em fase de doutoramento) e um Doutor.

A necessidade da promoção da saúde em todos os seus aspectos

A saúde docente é um campo de estudo recente, multidisciplinar, ainda em construção. Todavia, as pesquisas têm sido reveladoras, pois vêm rompendo o silêncio sobre toda a sorte de adversidades vividas pelos professores, e têm dado visibilidade aos fatores de risco aos quais os docentes se expõem continuamente.

A questão da saúde docente, já se mostra como um campo profícuo de investigação científica, com possibilidades diversas de abordagem, e que pode vir a ser fértil em elementos, que possibilitem a elaboração de políticas públicas inovadoras, no sentido da prevenção e da humanização das condições de trabalho docente. No caso dos docentes, enquadrados na categoria de Servidores Públicos Federais, a necessidade de políticas públicas relativas à saúde, já está se configurando, haja vista a publicação do Decreto nº 6.833, de 29 de abril de 2009 que instituiu o Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor Público Federal-SIASS e o Comitê Gestor de Atenção à Saúde do Servidor. De acordo com os artigos 2º e 3º desse Decreto, estão contempladas não somente a necessidade da perícia oficial que avalia a (in)capacidade para o trabalho justificando os afastamentos temporários ou definitivos, mas também a promoção e a prevenção, com objetivo de ir além da mera constatação do adoecimento. Os artigos em tela revelam a preocupação do Estado com a prevenção e a intervenção precoce relativas ao adoecimento, pois,

no nosso entendimento, o custo financeiro e social da antiga prática de apenas constatar a capacidade e/ou incapacidade para o trabalho, tem se mostrado muito maior, do que o investimento na prevenção.

Como desdobramento dessa nova abordagem, é preciso que as instituições façam um diagnóstico das condições de trabalho e da saúde do seu quadro funcional. Por isso, entre outras ações, nada mais eficaz, do que ouvir os próprios docentes, sobre o cenário em que atuam, cotidianamente, na expectativa de que possam não se adequar às condições laborais impostas ou às políticas públicas sobre a saúde, mas que sejam sujeitos na constituição de quaisquer ações referentes à sua saúde e ao seu bem estar.

A saúde dos professores vem mobilizando também o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, ANDES-SN, que realizou o Encontro Nacional sobre Saúde do Trabalhador do ANDES-SN, nos dias 31 de julho e 1º de agosto de 2009, em São Paulo. O tema central da discussão foi A Educação Submissa à Lógica do Capital: da precarização do trabalho docente à saúde do professor, os desafios atuais. O encontro confirmou a necessidade de o sindicato organizar uma linha de ação mais permanente e sistemática no aspecto da saúde do professor, para que a categoria possa discutir e organizar-se de modo que seu fazer político resulte em ações de intervenção nesse adoecimento crescente.

Na percepção do ANDES-SN, o tema precisa ser incluído no combate às políticas, que, na perspectiva neoliberal, reestruturam a educação brasileira impondo modelos de gerência empresarial de cunho produtivista, incentivando a competitividade, o empreendedorismo, a flexibilização das relações de trabalho com possíveis perdas de direitos e a avaliação de desempenho *versus* produtividade. O sindicato compreende que essas políticas, nocivas à educação e ao professor, favorecem o individualismo, pois “definem padrões de financiamento a pesquisa orientados pelo atrelamento da produção do saber e das tecnologias às demandas do capital que rompem com o trabalho solidário da produção científica”. (MOTA, 2010, apud ANDES-SN, circular 223/09, Relatório do Encontro Nacional sobre Saúde do Trabalhador do ANDES-SN).

Coerente com a necessidade de ampliar o debate pertinente à promoção da saúde, os relatos a seguir, buscaram captar os sentimentos dos docentes do CEFET-MG, quanto aos seus ideais, condições de trabalho, realização e os desafios que lhe são apresentados no contexto educacional atual.

Rompendo o silêncio

Um dos docentes entrevistados declarou que seu maior desafio no CEFET-MG, em 2010, seria “lidar com imprevistos e exercitar a paciência” (Professor 5). Quanto aos fatores que causam impactos negativos e o desmotivam no ambiente de trabalho, queixou-se do comportamento inadequado de parte dos alunos e destacou o barulho de forma bastante contundente:

Já há mais de três anos convivemos com obras na casa. Sei que as reformas são necessárias e urgentes, mas o barulho da obra, a poeira e todo o desconforto têm me desgastado bastante. Há dias em que quando penso na obra não tenho vontade de vir trabalhar. (Professor 5)

No ensino Técnico Integrado há uma média de quarenta alunos por turma nas disciplinas de formação geral; de vinte, nas turmas de língua estrangeira e de cinco a dez, nos laboratórios das disciplinas técnicas. Pelos relatos dos entrevistados e segundo a observação do espaço físico, a arquitetura das salas de aula não é adequada ao número de alunos, pois o calor intenso, em certas épocas do ano, causa um grande desconforto; os professores tendem a intensificar o uso da voz para manterem a atenção dos alunos enquanto expõem os conteúdos. Os ruídos fora de sala de aula levam os professores a fecharem as portas das salas o que reduz o barulho externo, contudo aumenta o calor. Nessa condição, os alunos ficam mais inquietos e solicitam ir, aos bebedouros, com maior frequência, alterando o desenvolvimento das aulas.

Há poucos espaços entre uma fileira e outra de cadeiras e, se o professor quiser fugir da aula expositiva, encontra muitas barreiras, dentre elas, o espaço físico reduzido para trabalhar em grupos, por exemplo. A dificuldade é grande, tanto para organizar os grupos pelo número de alunos para a elaboração das atividades em sala, como para a exposição dos trabalhos.

Quando há demora na manutenção dos ventiladores, o sofrimento é maior e aqui cabe destacar o ruído produzido pelos próprios ventiladores que pode interferir muito no trabalho docente, de acordo com a idade do equipamento; o mesmo ocorre com a iluminação e conserto de equipamentos diversos, como ilustra o depoimento desse professor que trabalha no diurno e noturno expressando sentimento semelhante ao externado pelo Professor 2:

A gente perde às vezes 30 minutos de uma aula de cem minutos tentando solucionar o problema dos eletrônicos. (...). As salas foram todas reformadas, mas o sistema de ventilação continua precário. A iluminação artificial às vezes deixa a desejar, pois quando queima alguma lâmpada o serviço de reposição é muito lento, então ficamos prejudicados principalmente durante as aulas do noturno. (Professor 5)

O ambiente deixa a desejar. O espaço físico é reduzido (...). A iluminação melhorou no último ano. Não há integração dentro da escola, não conhecemos, por exemplo, os outros professores que trabalham na mesma turma, o relacionamento nem sempre é o ideal, pois existem conflitos e questões políticas envolvidas (...); recursos didáticos disponíveis são escassos, o que é preocupante por se tratar de uma instituição de excelência tecnológica. (Professor 2)

A pesquisa mostrou um misto de satisfação e insatisfação nos depoimentos, o que nos levou a concluir que, nessa diversidade de espaços e de atuação, há condições que atendem às expectativas de trabalho, havendo maior necessidade noutras. A satisfação do Professor 1 é muito positiva quanto a vários aspectos:

As Coordenações estão bem instaladas, você vê que tem espaço, nós temos uma privacidade. Você senta, conversa, pesquisa, um procura ajudar o outro em alguma coisa ou exercício mais complicado. Antes as coordenações eram muito pequenininhas, não tinha muito espaço (...) é uma coisa que eu vejo que melhorou; hoje as coordenações tem um espaço maior, com isso os professores tem uma integração maior. Porque todo mundo encontra aqui, senta ali, conversa e troca idéias. Então esse é um ponto positivo que eu vejo hoje e também contribui pra melhorar, você senta aqui, discute com um e com outro. (Professor 1)

A impressão que se constituiu a partir das entrevistas foi a de que conforme a área de atuação e a especificidade da disciplina lecionada, sendo da formação geral ou técnica, a situação de trabalho se modifica, incluindo os relacionamentos, a disponibilidade de recursos, o número de aulas e de alunos por turma e outras condições. Essa ideia está posta no depoimento a seguir:

O ambiente de trabalho aqui é bom. Eu tenho tudo que preciso, as pessoas estão sempre dispostas. Não sei se eu posso afirmar se é uma vantagem ou não, mas as coisas são muito livres aqui. A coisa mais estranha que eu notei quando eu vim pra cá foi essa liberdade. A escola não cobra. Ela deixa a critério de cada um usar sua responsabilidade pra administrar suas próprias atividades. (Professor 3)

O Professor 6 demonstra um envolvimento contagiante com o trabalho no CEFET-MG, justificando essa motivação pela oportunidade de reunir vários níveis de ensino e de diversas áreas do conhecimento na pesquisa, o que foi confirmado por todos os professores entrevistados, no entanto tece críticas ao ambiente de trabalho que carece de investimento e melhor planejamento em diversos aspectos trazendo impactos ao trabalho de forma negativa e desgaste aos docentes. Como ponto forte cita a reprografia e o apoio pedagógico que sempre teve:

Com relação à logística todos os meios que o CEFET me oferece para eu dar uma aula, com relação à reprografia, material, isso tudo ele apóia cem por cento. O que eu precisar desse tipo de material eu tenho. Com relação a apoio pedagógico também, sempre prontamente atendido em tudo que foi necessário até hoje. (Professor 6)

Em se tratando de outros elementos constitutivos do ambiente de trabalho pode-se inferir que, para esse docente, o nível de satisfação está abaixo do almejado ao avaliar o espaço físico:

Com relação especificamente a espaço físico para eu desenvolver uma aula experimental, por exemplo, no dia-a-dia com os alunos, isso o CEFET-MG não me oferece. Isso eu não tenho, então eu tenho que trabalhar dentro da minha sala de aula com os recursos que ali são pertinentes. (Professor 6)

A ventilação, iluminação, acústica foram itens sublinhados como indicadores da necessidade de investimento para melhorar o ambiente de trabalho e reduzir os riscos à saúde.

Problemas de luminosidade, de ventilação. Então por exemplo a questão da gripe H1N1 havia um grande risco de rápida contaminação por causa da circulação, e muitos professores por causa da acústica, fecham a porta porque senão atrapalham a aula do lado e as janelas não dão conta de uma boa ventilação; os ventiladores também são pouco potentes e a disseminação da gripe seria fatal. Tivemos sorte de não ter problemas aqui. (Professor 6)

Alguns espaços físicos utilizados como laboratórios são inadequados e precisam ser modificados, adequando tais espaços ao trabalho do professor pesquisador.

No momento de pesquisa também. É um laboratório improvisado, não é um local adequado, até mesmo pra fazer certas manipulações que eu faço. Há pouca ventilação, pouca luminosidade, e eu permaneço aqui o tempo todo. Se for pensar nas cadeiras que a gente senta, nos momentos que a gente passa sentado não é o adequado. Algumas vezes até o computador está na posição incorreta na altura incorreta. (Professor 6)

Sobre as condições da pesquisa, o Professor 2 confirma o que diz o Professor 6, mesmo estando em áreas de naturezas diversas e espaços físicos também diferenciados, o problema de ambos é comum: inadequação para o desenvolvimento da pesquisa que requer ambiente com ventilação e iluminação adequadas, equipamentos e outros elementos necessários ao desenvolvimento do trabalho investigativo na Instituição.

Analisando os relatos em destaque, é pertinente colocarmos em evidência o fato de que a aquisição de equipamentos tem que ser planejada de modo que o usuário seja consultado. Em certos setores, não falta equipamento e mobiliário, contudo tais elementos não estão adequados ao uso, como bem lembrou o Professor 6 quanto à inadequação das cadeiras. inferimos ser clara a necessidade de maior integração e diálogo entre os setores, nesse caso, entre o setor responsável pelas compras e as Coordenações de Área e/ou Cursos.

Ao mesmo tempo em que as análises do ambiente laboral de ensino e pesquisa põem em relevo pontos frágeis da estrutura organizacional, evidenciam outros aspectos que são um diferencial marcante na Instituição. O primeiro aspecto já posto neste estudo, é quanto ao incentivo às pesquisas, mesmo ressaltando-se a necessidade de haver ajustes nessa área, é evidente a satisfação de alunos e professores de áreas diversas em poderem atuar de forma tão criativa e inovadora com apoio Institucional. Além dos eventos internos, alunos e professores do CEFET-MG têm recebido premiações nacionais e internacionais importantes. Na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace), realizada na Universidade de São Paulo no ano de 2010, dos 21 projetos finalistas, 12 eram do CEFET-MG o que trouxe satisfação e reconhecimento aos alunos e Professores envolvidos e para a Instituição pelo benefício social dos conhecimentos aplicados.

A participação dos alunos em eventos internacionais como a Mostra Internacional de Ciência, a Internacional Movement for Leisure Activies in Science and Technology (Milset) e a Intel Isef também é motivo de

satisfação e incentivo na Instituição porque possibilita a interação entre conhecimentos científicos de culturas diversas, mostra o uso da pesquisa com fins sociais. Por outro lado, vale ressaltar que as premiações atuais estão se estendendo aos projetos orientados pelos Professores da área das Ciências Humanas e Sociais como foi o caso dos premiados na Febrace 2010.

Outro destaque, conforme as declarações do Professor 4, confirmado pelos demais docentes, é a oportunidade não apenas de qualificação *stricto sensu*, mas também de participação em congressos, seminários e outros eventos com apoio de diárias e passagens liberadas pela Instituição. O Professor 4 afirmou participar pelo menos três vezes ao ano de eventos de cunho científico, o que o motiva e o renova profissionalmente e isso é extensivo aos demais docentes da Instituição.

A dedicação exclusiva em “tempo integral”

Os professores em Regime de Dedicção Exclusiva são obrigados há cumprir quarenta horas semanais de trabalho. Contudo não estão conseguindo delimitar esse espaço. O Professor 6 com apenas três anos na Instituição revela estar satisfeito com as oportunidades que o trabalho proporciona, contudo revela os danos que o trabalho excessivo vem causando na sua saúde e na vida pessoal. É como se não houvesse vida pessoal após o trabalho no CEFET-MG, pois sempre há outra jornada de trabalho a ser cumprida em casa. São relatórios, aulas para serem preparadas. Tudo é muito intenso, o trabalho, a vontade de fazer e inovar: o cansaço, a vontade de dormir de relaxar também. No entanto, esse tempo de recompor as energias não vem, há sempre uma solicitação a mais. Então, a ida ao médico é adiada, o exercício físico, o preparo para o uso da voz, tudo isso vai ficando em segundo plano. A insônia, o sono interrompido, as dores no pescoço, nas costas, nas pernas, tudo isso começa a fazer parte do cotidiano desse Professor, num claro sinal de que sua saúde não vai bem.

Então chega o final do ano, a única coisa que você quer fazer é dormir, descansar, seu corpo pede muito esse descanso. Porque é um cansaço físico dessa agitação toda e o mental porque você lê muito, você trabalha muito e você não tem esse espaço com você, com seu corpo, de relaxamento, de cuidado. Então, muitas vezes eu acho que estou adiando a ida ao médico. Hoje mesmo

eu lembrei que eu tinha anotado na agenda, tinha que ligar pro oculista. E eu tenho notado sim, muito cansaço físico, mental e uma indisposição pra fazer qualquer outra coisa, que mudou muito com relação a esse tempo que eu estou aqui no CEFET. Nas outras escolas, eu conseguia fazer isso tudo, aqui eu não consigo. E eu acho que isso tem afetado muito o meu corpo orgânico, porque eu sinto um cansaço muito intenso, eu sinto um sono muito intenso.

O Professor 3 também revelou não estar conseguindo desenvolver seu ofício no tempo de quarenta horas semanais. Apesar de todo o seu esforço e de reconhecer que sua profissão não é o seu todo e sim apenas um dos aspectos da sua vida, reconhece que sua vida pessoal é invadida pelo trabalho:

Não devemos viver para o trabalho, nós somos pessoas. Porque senão a vida não tem sentido. Hoje, cada vez mais, temos mais coisa pra fazer e menos tempo pra nós mesmos. E quanto mais coisas nós fazemos mais coisas aparecem pra nós fazermos. Mas a gente tem que dizer um basta porque a gente não é o que a gente faz, nós temos uma totalidade. O fato de sermos professores é uma vertente nossa, não nossa parte integral. Temos que aprender a dizer não. E, ao dizer não, você está dizendo sim pra você mesmo.

Todos os entrevistados foram enfáticos quanto ao trabalho interferir na vida pessoal. No dizer do Professor 2 a afirmativa a seguir é ilustrativa “você não diferencia o que é um dia útil de um fim de semana”. Suas palavras nos remetem às reflexões de Arroyo (2009), que nos indaga sobre esse outro ser que há em nós, o ser professor.

Esse autor afirma que carregamos para a escola, para casa e para os congressos o nosso intenso sentimento de ser professor e quase não conseguimos separar a vida pessoal do ofício de professor, e então, nossas casas se transformam em extensão do nosso trabalho, ampliando nossa jornada e tornando invisível, aos olhos dos outros, o nosso labor. Para as pessoas em geral, é como se num passe de mágica as notas aparecessem nos boletins, nos diários eletrônicos, tanto quanto as aulas ministradas nas escolas: um trabalho invisível, não reconhecido e não valorizado, mas que demanda esforço, tempo e investimento pessoal. Na era da tecnologia da informação, quantos de nós utilizamos parte do orçamento familiar para comprar *laptops* e outros equipamentos eletrônicos a fim de cumprir as metas, os prazos e as demandas do trabalho docente? A sensação é de

que a tecnologia nos aprisiona cada vez mais, ficando muito mais distante a possibilidade de desconectar vida pessoal do ser professor e, conforme concluiu Arroyo, mais do que uma profissão, parece que a condição de professor é um modo de ser permanente.

A saúde docente em questão

Segundo a Diretoria de Unidade, não há problemas significativos de faltas por motivo de saúde. Os Coordenadores resolvem esta questão, verificando a necessidade de professor substituto em caso de afastamentos longos, e encaminhando o pedido de contratação. No cotidiano, se o professor precisar faltar por qualquer razão, por um dia ou dois, basta apresentar o plano de reposição das aulas. Para a Diretoria, é da maior importância que as aulas sejam repostas. Não existe um controle rígido sobre isso, havendo sempre a possibilidade de negociação. No entanto, observa que, nos cursos Técnicos Integrados, há a dificuldade de reposição, devido aos dois turnos de aula que os alunos têm obrigação de assistir. Muitas vezes os horários de reposição dos professores são incompatíveis com os horários dos alunos. Por isso, os professores só faltam em casos extremos. Diante desta afirmativa observamos, que, os professores entrevistados, mesmo quando apresentaram algum problema de saúde, preferiram continuar ministrando as aulas, pois mesmo com atestado médico, a reposição precisaria ser feita.

A Diretoria de Unidade observa que os professores são bastante envolvidos com o trabalho que vêm desenvolvendo; eles acumulam múltiplas funções, referindo-se ao ensino, pesquisa e extensão, e acredita que isso é positivo e que potencializa sua motivação interior.

A Diretoria acredita que no atual cenário, as condições de trabalho são boas, mas é possível melhorar, assim como acredita que as questões relativas à saúde docente possam ser tratadas por meio de ações, como o Programa Qualidade de Vida.

Com relação ao Setor Médico-Odontológico (SMODE) existente no CEFET-MG, não foi possível a análise dos dados sobre as licenças médicas, porque não há ainda um banco de dados. Mas, com base na observação diária, a Coordenação do setor prestou valiosas informações que se coadunaram com os relatos dos professores entrevistados.

As principais queixas dos docentes estão relacionadas ao estresse pela carga horária de trabalho. A vida agitada diária tem resultado em queixas de cefaléia, pressão alta e irritabilidade:

Precisam parar um pouco, descansar, dar uma parada. Descansar um pouco das atividades; fazer uma atividade física; relaxar um pouco. Dar uma parada da sala de aula, fazer caminhada...Parar para olhar a qualidade de vida, isso é precário no professor: precisa ter alimentação no horário certo, atividade no momento certo. Por isso aqui no CEFET-MG tem o Projeto Qualidade de Vida, para o servidor participar aqui dentro, porque às vezes não dá para fazer lá fora. (SMODE, 2010)

Segundo o SMODE, O CEFET-MG já vem se preocupando com a saúde dos servidores, e apesar de não haver um programa específico aos docentes, há o Programa Qualidade de Vida (PQV), criado há quatro anos, com algumas atividades que poderiam minimizar esse cansaço demonstrado nas idas a este setor. Contudo, observa que os docentes não participam das atividades regulares, nem das oficinas. Por outro lado, os entrevistados, mesmo reconhecendo a importância do PQV, afirmaram que não há tempo para participarem das atividades, além disso, ocorre incompatibilidade de horários, por certas vezes.

Nesse setor, foi observado também, que as intercorrências são maiores no início do ano letivo e nas épocas das Avaliações Somativas aplicadas no final de cada semestre letivo. No período destas avaliações, alunos e professores ficam bastante apreensivos. Outro momento de tensão observado foi referente às obras recentes na Instituição, de ampliação e reforma: os docentes se queixaram do barulho, da poeira e dos problemas quanto ao uso da voz.

A Coordenação do Setor Médico-Odontológico, a exemplo da Diretoria de Unidade, acredita no trabalho de promoção da saúde, com ênfase na prevenção, mas admite que é preciso haver discussões para que projetos nessa direção sejam realizados. Na Instituição, a Coordenação Geral de Desenvolvimento de Recursos Humanos já vem estudando a questão da saúde do servidor, no sentido de possibilitar as inovações propostas pelo Subsistema de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS), tais como a instituição de exames periódicos e a organização e a sistematização dos dados sobre a saúde do servidor. Estas inovações compreendem ainda, discussões multidisciplinares e integradas. Mas isso, ainda é recente, e um grande desafio, pois quebrar o paradigma atual, predominante, de

diagnosticar a doença, significa a constituição de novos saberes e de uma nova cultura.

O Setor Médico-Odontológico possui uma equipe voltada à Medicina do Trabalho, porém com ênfase aos acidentes de trabalho e/ou exposição de servidores aos agentes químicos nos laboratórios. Nossa pesquisa indicou que as atividades docentes que não envolvem uso de substâncias químicas e uso de determinados equipamentos não são consideradas potencialmente danosas à saúde. Essa percepção faz parte de conceitos tradicionais, relativos à Medicina do Trabalho, cujos paradigmas de atenção à saúde, se voltavam às condições de trabalho nas indústrias. Por essa via de concepção de risco vinculado ao exercício profissional, os modelos de gestão da saúde do trabalhador tendem a excluir os docentes. Para quebrar essa cultura as ações voltadas à gestão da saúde, na sua totalidade, devem ser educativas, interdisciplinares e participativas com a integração de saberes diversos, sem hierarquização porque isoladamente nenhuma disciplina tem todas as respostas para as questões peculiares que se revelam, nos diversos campos de trabalho:

Torna-se imprescindível estabelecer um conjunto de valores e condutas voltado para um processo educativo e participativo que contribua para o desenvolvimento individual e coletivo do ser humano, em que a saúde e o trabalho sejam vistos na sua integralidade. Entende-se necessária, fundamentalmente, a construção de uma cultura capaz de integrar saberes, o que pressupõe a realização de ações interdisciplinares sem a supremacia de um determinado campo do conhecimento, uma vez que nenhuma área sozinha consegue dar conta das complexas relações e determinações que incidem sobre a saúde do trabalhador. (Mota, 2010 apud Mendes e Wünsch, 2007, p. 161).

Ao ingressar na Instituição, o docente faz o exame admissional para atestar que está apto ao exercício do trabalho, mas ao longo da carreira não há uma política de exames anuais para a promoção da saúde no sentido da prevenção. O adoecimento vai ocorrendo ao longo do tempo e cada um vai se cuidando individualmente.

Considerações finais

Nesta pesquisa concluiu-se que, no CEFET-MG, há um misto de satisfação e desgaste entre os Professores entrevistados. Esses demonstram motivação para o trabalho e falam com carinho sobre a Instituição. Todos, desde os mais jovens recentemente inseridos no quadro funcional, aos veteranos, expressaram seu sentimento de realização no trabalho que desenvolvem. A Instituição incentiva a capacitação do seu quadro funcional, bem como estimula as pesquisas em todas as áreas do conhecimento, por isso caminha no sentido da excelência acadêmica; os incentivos e o estímulo são fatos nomeados no conjunto das entrevistas.

As críticas incidiram sobre a estrutura organizacional e, conseqüentemente, sobre as condições de trabalho. Nesse sentido, pode-se considerar que esta investigação trouxe uma contribuição significativa para a Instituição, na medida em que mostra a necessidade de determinados ajustes e/ou inovações nas práticas de gestão atuais com o intuito de que o trabalho docente não seja impactante sobre a saúde dos seus professores.

De fato, a Instituição já vem demonstrando preocupações com a saúde do seu quadro funcional, estabelecendo ações preventivas bem sucedidas como as campanhas de vacinação e de saúde bucal. No entanto, há necessidade de ampliar essas ações, assim como de promover discussões sobre as questões que envolvem a saúde dos servidores. Em outras palavras, faz-se necessário extrapolar a via educativa já em andamento, e sem dúvida importante, mas que não atende às demandas atuais, pois centra no indivíduo a responsabilidade pela sua saúde e/ou adoecimento. Ações inovadoras devem ir ao encontro do que estabelece o Subsistema de Atenção à Saúde do Servidor, criado pelo Governo Federal. Consideramos que os sujeitos que trabalham no CEFET-MG devem ser não apenas o público-alvo das políticas de promoção à saúde, mas sujeitos na elaboração das mesmas, em integração e diálogo permanentes com as diversas especialidades existentes na Instituição.

Referências bibliográficas

ARROYO, M. G. (2009). *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. São Paulo, Vozes.

CIF (2004). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Organização Mundial da Saúde- Direção Geral da Saúde*. Lisboa.

DECRETO 6.833 (2009). Institui o Subsistema Integrado de Atenção À Saúde do Servidor Público Federal- SIASS e o Comitê Gestor de Atenção à Saúde do Servidor. Disponível em: www.siapenet.gov.br. Acesso em: 20/10/2009.

MOTA, R. M. (2010). *Trabalho docente e saúde: estudo de caso realizado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUCSP.

OLIVEIRA, D. A. (2004). A Reestruturação do Trabalho Docente: Precarização e Flexibilização. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v. 25, n. 89, pp. 1127-1144.